

O "SER-CRÍTICO" DE UMA TEORIA

*Antonio Pilz Neto*

1 - O MODO TRADICIONAL...

Em linguagem científica usual, teoria significa um conjunto de proposições, ligadas entre si, e relativas a um campo especializado do saber.

A solidez de uma construção teórica reside no alcance compreensivo de seus princípios. Quanto menor o número destes em relação às conclusões, tanto mais perfeita a teoria. A consonância, maior ou menor, das proposições deduzidas com os fatos ocorridos, determina a validade de uma teoria. Desta forma, uma teoria só se confirma pelos fatos. As contradições entre a experiência e a teoria indicam que uma ou outra está falha. É papel da consciência crítica revê-las. Ou a observação foi falha, incompleta, imprecisa, insuficiente; ou há discrepância nos princípios teóricos.

Dai - pelo fato de a ciência ser sempre uma busca, não um ponto de chegada, um acabamento -, também a teoria, no que concerne à própria realidade teorizada, permanecerá sempre hipotética.

Objetivamente, pode-se conceituar a teoria como um saber acumulado, de tal forma, que permita ser utilizado na caracterização minuciosa de determinado número de fatos.

Mas qual seria a meta universal de uma teoria? Um sistema universal de ciência? Deste prisma, abrange todos os objetos possíveis. Neste sentido também, o papel e a função da pesquisa científica é conatural à própria razão humana, perguntadora e curiosa em si mesma. Até que existam homens, a busca científica de teorias explicativas e de fatos pesquisados subsistirá.

Os homens pretendem um sistema universal de ciência, teoricamente estruturado. Assim usam o mesmo aparato conceitual para determinar a natureza morta e classificar a natureza viva: como se bastasse saber manejar as regras da dedução e os métodos comparativos para compreender os fatos! Qual o "ser-crítico" de tal agir?

Representar a essência da teoria, atualmente defendida, como um conjunto de proposições dedutivas, pressupõe uma ordem de coisas, que não acontece na ordem natural.

Quando René Descartes propõe, na 3<sup>a</sup> máxima de seu método, "conduzir a ordem de acordo com os meus pensamentos, partindo dos mais simples aos mais complexos", ele supõe uma ordem natural. Mas esta ordem natural não pode ser devidamente compreendida pela conexão matemático-dedutiva, imposta conceptual-

mente. A realidade é muito diferenciada e variável: - não cabe numa bem estruturada conexão de deduções intelectuais. A posição do próprio sujeito, sua cultura, sua herança, sua ideologia, permitem tal "visão científica" das coisas? Não é sem razão que John Stuart Mill pode afirmar que as deduções - ainda quando vistas do prisma lógico do filósofo -, são juízos empíricos, induções (Erfahrungsurteile) (1)

Qual a validade das deduções teóricas? Para racionalistas e fenomenólogos são intelecções evidentes (evidente=Einsichten), enquanto para a moderna axiomática são estipulações arbitrarias. Husserl, em suas "Investigações Lógicas", considera a teoria como um "sistema fechado de proposições de uma ciência". Ciência é, pois, um certo universo de proposições, cuja ordem sistemática permite a determinação (Bestimmung) de um certo número de objetos. (Husserl, *Formale und transcendente Logik*, 1929).

Ponto fundamental de todo sistema teórico: as partes interiormente conectadas e livres de contradição. Poderíamos dizer que a harmonia interior é exigência básica. Significa a exclusão de toda contradição, a ausência de componentes superfluos, independência das aparências observáveis. Assim, a construção de teorias tornou-se uma construção matemática. Devem as ciências humanas e sociais seguir o mesmo modelo das ciências naturais? É verdade que os empíricos não têm uma melhor representação de teoria do que os teóricos: estão longe de obter induções tão gerais e válidas. Especialmente no campo social, onde a variedade é "múltipla e única", é difícil estabelecer-se uma teoria universal. Neste terreno acentua-se o "hipotético da teoria".

Em sentido tradicional operamos com proposições condicionais aplicadas a uma situação - este é o modo de existência de uma teoria. Todavia, uma teoria independentizada da essência interna do conhecimento, torna-se "fictícia", a-histórica: transforma-se em uma categoria coisificada (Verdinglichte), em uma mistificação ideológica. É certo que os nexos efetivos dos fatos não têm origem, nem se estruturam, a partir de uma conexão lógica ou metodológica, mas desde processos sociais reais. Não se mudaria uma estrutura vigente fundamentada apenas em ponderações lógicas, mas em razão de uma contradição interna e real do sistema. É a realidade que exige, ou não, modificações. A relação entre hipóteses e fatos não acontece primeiramente na cabeça dos

(1) HORKHEIMER, MAX - *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. S. Paulo. Abril Cultural, Os Pensadores, Vol. XLVIII, p. 126, 1975.

cientistas, mas na experiência prática.

A ciência funciona como "chão de teoria": é no nível do trabalho científico que uma teoria se postula. O mundo, porém, é - para o sujeito -, uma sinopse de facticidades. Os sentidos fornecem-nos os fatos pré-formados de maneira dupla: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. Assim o indivíduo se percebe como perceptivo e passivo.

A classificação de fatos em sistemas conceituais já prontos e a revisão destes, pela simplificação e eliminação de contradições, é parte da práxis social geral. Desta forma, cada construção teórica, mantém relações diferentes com esta práxis geral, conforme a sua filiação à situações, grupos e classes. A teoria tradicional desempenha a função social de avaliar, por instrumentos conceptuais e juízos, determinada situação de fato. Toda formulação teórica justifica-se somente em relação à possibilidade fundamental de aplicação: - enquanto é útil para explicar e entender certas condições sociais existentes.

Nestas condições, a teoria tradicional é aceita como um conjunto pré-estabelecido de determinações básicas para a vida social e individual. As pessoas a aceitam naturalmente, sem pô-la à prova. A vida social põe as teorias prontas à mão dos indivíduos. O organismo econômico-político-social existente justifica-se como um contexto cego e condicionante, determinando a vida e a ação dos indivíduos e grupos.

O pensamento crítico não confia nesta diretriz, tal como é posta à mão de cada um pela vida social. Não poderia esta realidade social estar sujeita a uma ação planejada e racional? Parece que a história não pode ainda ser compreendida a rigor. Apenas compreendemos indivíduos e grupos isolados. Assim, nosso comportamento crítico não passa, realmente, de um *reconhecimento crítico* das categorias dominantes, na vida social. Não passa de uma simples postura a-crítica, "ideológica" - se entendermos "ideológico" como "mistificação-alienação", ou como "status quo dominante". É assim que a consciência "não-crítica" entende e usa o termo "ideologia". É uma concepção pobre, unilateralizada e facciosa do que é, realmente, ideologia e a sua importância.

Marx Horkeimer pretende uma razão internamente crítica, transparente: mas como obtê-la se os homens agem segundo uma estrutura externa e irracional? O organismo social é apático, sem razão, irracional: o pensamento teórico tradicional preocupa-se apenas em justificá-lo, ou não, exteriormente.

2 - O MODO CRÍTICO...

A estrutura do comportamento crítico ultrapassa, em suas intenções, as intenções da práxis social dominante. Esta não está fundamentalmente interessada em superar a tensão. Em contraste com tal modo de ser, o pensamento crítico é motivado pela tentativa de ultrapassar a tensão entre a consciência individual e as relações do processo social. Por isso o pensamento crítico não tem a função de salvaguardar o indivíduo, nem a generalidade de indivíduos reunidos em classes ou grupos. Não é uma ideologia de raças ou categorias, que se imaginam causa do mundo, ou o próprio mundo. O sujeito realmente crítico está permanentemente voltado para a mudança social. Ele não é um ponto de coincidência, onde o sujeito e objeto se fazem história - um tipo de "côgito-ideal". Suporia a invariabilidade social. Na realidade social, porém, a atividade de representação intelectual sempre atua como momento dependente do próprio processo de trabalho. *O sentido de uma teoria crítica seria de preservar, elevar e desenvolver a vida humana - jamais de justificar uma situação, um estado, um regime, uma determinada realidade.* A teoria crítica autêntica acredita numa organização social, racional e imanente ao "processo de-ser-da-humanidade", que corresponda ao interesse de todos. Neste sentido, a verdadeira postura crítica é essencialmente idealista, não no sentido tradicional, mas como "crença racional" no aperfeiçoamento futuro do organismo social como um todo. Assim, para o verdadeiro crítico, uma teoria crítica não está limitada a formular questões pertinentes a certas categorias de pensamento ou mesmo classes sociais. Não pode portanto reduzir-se à sistematização dos conteúdos de uma determinada consciência, mesmo que seja a proletária: seria apenas teoria tradicional abordando uma problemática particular, e não a face intelectual de um processo histórico de libertação da humanidade. Seria ideologia e da má! Pelo contrário, a teoria crítica é como o *momento fundamental de uma práxis*, que luta por novas formas sociais. Desta forma, como afirma Horkheimer, a vocação do crítico é a luta, a realização do estado racional e as origens da miséria do presente.

(2)

Que modelos orientarão o pensamento crítico quanto à construção do futuro? Certamente não existem tais modelos de aplicação para a atitude crítica: sua função e sentido deve ser buscado na *transformação da sociedade*. A teoria crítica vê sempre uma possibilidade real de transformação: funda-se em po-

(2) Idem, p.145.

tencialidades humanas desenvolvidas e crê na tenacidade da fantasia, própria do pensamento crítico. É contrária ao arbítrio e à independência ideal, suposta. Seu interesse é acelerar o desenvolvimento global da sociedade humana. O "modo-crítico-de-ser" é corajoso e tenaz no esforço racional de interpretar o futuro, *não em nome do presente* (já sempre implica uma postura comprometida e ideológica), mas, em nome da humanidade, racionalmente, historicamente possível. Por isso, o homem crítico "ferve" em humanismo. Fantasia e crê na humanidade, impelido irresistivelmente pela possibilidade de uma visão maior, não particular, mas social, do contexto global humano.

Portanto, o "modo-crítico-de-ser" não se processa como propaganda totalitária - numa espécie de sociedade perfeita e absoluta -, nem como um "laissez-faire" muito a gosto de certos tipos de inteligência liberal. Para ser crítica, a teoria deve tentar a transformação da realidade - ela não vive de pretextos conceituais, mas da efetiva transformação dos fatos sociais. Neste sentido, a teoria crítica da sociedade, como um todo, passa a ser um *contínuo e grande juízo existencial em desenvolvimento*. Poderá, portanto, dizer: a organização social precisa mudar, não tem que ser necessariamente como é. Vê sempre a possibilidade de mudança e transformação. Tem o papel de criar circunstâncias, especialmente mentais, para tais transformações.

Logo, o comportamento crítico participa do desenvolvimento da realidade social: tenta transformar as necessidades cegas, em necessidades com sentido. O próprio conceito de "necessidade" se torna crítico, i.é, pressupõe o conceito de liberdade, escolha, capacidade seletiva. Não somos apenas espectadores do contexto social - *é necessário que sejamos credores e "crí adores" dele*. Nossa incapacidade crítica está refletida no dualismo "inveterado" que consagra a impossibilidade de pensar-se teoria e práxis, como unidade. Esta herança cartesiana pesa fortemente sobre a consciência atual: deseja resolver todas as coisas por "pedaços", esquemas unilaterais, visões parciais e falsamente "ideológicas" da realidade. Tenta sempre resolver as crises por "cegas necessidades" de "ser-contra" ou "ser-a-favor".

O "modo-de-ser-crítico" requer que o homem assuma, como sujeito consciente, a sua própria forma de vida pessoal e relacional. É o sentido "liberador" da atitude crítica.

A relação consciente e fundamental da teoria com o tempo e a história não se baseia na possível correspondência de partes desta teoria com determinado período histórico, mas na transformação do juízo existencial teórico da própria sociedade

humana. *Ser crítico é ir até as estruturas "injustas" que absolutamente não estão justificadas, mesmo a partir de mudanças humanamente positivas* (ex: a centralização atual do poder econômico e decisório não se resolve com a simples descentralização de funções). Permanece a injustiça e irracionalidade da estrutura sócio-econômica-administrativa do mundo atual. Mudar de "regime" ou "forma" continua sendo "ideologia-alienação", não libertação do ser humano.

O "modo-de-ser-crítico" não pode conformar-se jamais com a condição instrumental do homem atual, onde toda cultura depende da economia. A preferência de uma perspectiva crítica é pelo homem, não pelo indivíduo. *A teoria crítica alcança significado somente em relação à situação atual* - ela é "dialética" e acompanha a evolução histórica. Visa construir a imagem do todo, a partir de juízos existenciais englobados na história. Não transcende os homens (seria idealismo), mas está incorporada, como atitude, à práxis histórica. Como teoria crítica, ela condiciona o êxito histórico. *Nela, os conceitos vivem; fora dela, perdem o seu significado como força viva.* Juízos isolados exatos, verdadeiros, sobre as coisas humanas só podem acontecer em relação ao todo. A teoria, seja tradicional ou crítica, é um todo unitário.

Não existem instâncias específicas para a teoria crítica, fora do interesse da própria teoria, de suprimir a dominação, a injustiça social. Assim, para a teoria crítica, quando a ciência se satisfaz em separar pensamento e práxis, ela renunciou à humanidade. O homem é sujeito de todas as suas formas históricas de vida: nisto "crê" a teoria crítica. Não somente reproduz a vida social, mas a transforma e projeta no sentido global do "ser-homem". *Seu único interesse é justificar e legitimar a necessidade de uma organização racional da atividade humana.* Não se pode olhar a teoria crítica como uma simples ampliação do saber: seu desejo e razão é emancipar o homem. Ela é sempre uma exigência filosófica inseparável de próprio esforço de construir uma sociedade racional. Mesmo quando crítica de aspectos do todo social, como o econômico, ela tende à sociedade global.

O "ser-crítico" de uma teoria está, não tanto no construir um universo mais humano, senão *na consciência do próprio esforço de construção.* Esta é fruto não da necessidade, mas da liberdade conscientemente assumida. Ser-crítico é tentar o esforço responsável de ser o sujeito do processo histórico.

